

189

Governo busca US\$ 1 bi no exterior

Gustavo Franco e Murilo Portugal vão fazer palestras em quatro países para mostrar a evolução da economia depois do Real

Ricardo Leopoldo
Da equipe do Correio

São Paulo — O governo se prepara para fazer o primeiro lançamento de *global bonds* (títulos colocados à venda em todo o mundo) de sua história. O Banco Central quer captar no mínimo US\$ 750 milhões em papéis globais. O mercado financeiro e fontes do governo, porém, acreditam que o valor chegará a US\$ 1 bilhão.

O dinheiro será levantado pelo Tesouro com o auxílio dos bancos J.P. Morgan e o SBC Warburg, que atuarão como fiadores da operação.

Paulo Whitaker



Pickle: "O lançamento de global bonds consolidará o sucesso do Real"

Os recursos serão obtidos por um grupo maior de instituições financeiras, no mínimo seis, entre o dia 29 deste mês e 5 de novembro, em quatro cidades: Nova York, Londres, Seul e Hong Kong.

De amanhã até sexta-feira, Gustavo Franco, diretor da Área Internacional do Banco Central, e Murilo Portugal, secretário do Tesouro, farão palestras em quatro países para centenas de investidores. Terão a missão de mostrar como vem evoluindo a economia nos últimos anos.

O governo tem autorização do Congresso para receber o dinheiro e aplicá-lo na redução das dívidas externa e

interna. Oficialmente, a equipe econômica optou por usar os recursos para abater a dívida interna, o que representaria uma boa redução de despesas com juros. Os títulos da dívida externa pagam perto de 9,5% ao ano, enquanto que a interna desembolsa 26% em doze meses aos credores.

É possível também usar os recursos para abater a dívida externa, com a compra de *bradies* (títulos representativos da última renegociação da dívida externa) em poder de investidores estrangeiros. O governo diminuiria seu passivo no exterior na troca de papéis por bônus mais baratos.

Segundo Franco, o empréstimo servirá para diminuir a dívida mobiliária do governo. Em julho de 1994, ela somava R\$ 56,4 bilhões. Porém, o valor explodiu para R\$ 130,5 bilhões, devido aos juros altos que ampliaram o estoque da dívida e atraíram o ingresso de dólares ao país.

RESERVAS

Segundo o Joaquim Elói Cirne de Toledo, professor de Economia da Universidade de São Paulo (USP), o Brasil gastará US\$ 110 milhões, em 60 meses, para fazer o lançamento dos *global bonds*. Os papéis devem ter um prazo de cinco anos e juros próximos de 2,2% sobre os papéis do Tesouro norte-americano de mesmo prazo. Segundo ele, o governo está fazendo a operação para recompor as reservas internacionais. Em setembro deixaram o país US\$ 700 milhões, o que deve ter causado apreensão ao BC.

Embora os juros tenham caído nas últimas vezes em que o Brasil recorreu a lançamentos de bônus externos, é quase certo que o governo pagará pelo empréstimo entre 2,2% e 2,25% acima dos papéis dos Estados Unidos com prazo de vencimento equivalente.

Esse patamar de juros é imposto

pelo mercado com poucas chances de variação. Baseado nessas condições, Toledo afirma que os custos da operação por ano serão de 2,2% sobre US\$ 1 bilhão, exatos US\$ 22 milhões.

Se isso ocorrer por meia década, os gastos totais chegarão a US\$ 110 milhões. Caso a operação seja realizada por dez anos — embora os juros devam subir pois o risco aumenta — as despesas ficarão em US\$ 220 milhões.

BOBAGEM

Para Cirne de Toledo, a intenção do BC de trocar dívida externa por débitos internos, defendida por Franco, é "bobagem". "A dívida é abatida pela perda de reservas internacionais. Se o País gastou mais dólares do que recebeu, significa que alguém cobriu a diferença: no caso foi o BC. O Banco Central vende as reservas que possui, por exemplo para importadores, e recebe reais. Em seguida, devol-

ve o dinheiro ao mercado na compra de títulos da dívida pública. O governo resgata dívida interna quando perde reservas".

Toledo lembra que no mês passado, o Brasil fechou suas contas com uma perda de US\$ 700 milhões. Para ele, o governo ficou preocupado e quer agora repor esse valor com os *global bonds*.

"No caso, o BC capta lá fora para evitar que empresas expandam a dívida interna. O governo não quer instabilidades e deseja completar o que falta. Se em setembro saiu dinheiro, as pessoas podem pensar que um dia tal moeda vai acabar. Como existem R\$ 300 bilhões de investimentos de brasileiros aqui dentro, de prazo médio de um mês, poderia haver uma corrida contra as reservas. O México quebrou porque investidores daquele país quiseram trocar pesos por dinheiro seguro, os dólares", diz Cirne de Toledo.